

IMPRENSA YTUANA

DO INSTITUTO DO NOVO MUNDO

ASSIGNATURA

Anno, 8\$000—6 mezes 5\$000. Tanto para cidade como para fóra.

PROVINCIA DE S. PAULO

COLLABORADORES---DIVERSOS

EDITOR—FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

CONDIÇÕES

Publicações e annuncios pelo preço que se convencionar.

BRAZIL

Publica-se aos domingos, recebe-se annuncios até as sextas-feiras ao meio dia.

Anno II

Ytú, 21 de Janeiro de 1877.

N. 48

COLLABORAÇÕES

A patria

Vasado no grande molde em que fundirão-se também os seres da criação universal, o homem devia trazer um tipo de organização material, representando um elo que ligasse a cadeia immense, que naturalmente formão todos os entes com que o creador adorou o theatro esplendido da natureza.

Essa razão de harmonia não prevaleceu entretanto nos altos designios do senhor, para, sob as normas absolutas da grande obra realisada, delinear o esboço de sua ultima concepção.

Assim é que, vivendo no tempo e no espaço gravitando na esphera do mundo material pela attracção das mesmas forças, equilibrão a harmonia dos corpos e organização terrestre, o homem ainda encerra em sua frente activa uma chama sagrada, que o sopro divino accendeu alli.

Sol brilhante—ella lhe esclarece as profundezas do mundo exterior; lampada mysteriosa—ella o conduz aos intimos refulhos da consciencia, a desvendá-lhe os segredos de sua existencia previligiada.

Essa chama divina, fonte perenne de toda a actividade humana, é o espirito.

Espirito e materia, alma e corpo, consubstanciação de dois elementos que só a vontade suprema poderia ligar com a mais bella harmonia, o homem é fatalmente obrigado a viver simultaneamente em duas espheras, a moral e a material; sendo mister que n'uma e n'outra encontre ou realice os

meios da subsistencia e prosperidade propria,

Se o corpo não pode viver fora do ar, elemento constante na combustão continua que alimenta a vida organica, também a alma não pode subsistir longe do meio em que respire o aroma balsamico da atmosphaera social. E assim como quando se quebra uma das peças de complicado machinismo, se interrompe em todas as partes a acção do agente physico que operava o exercicio mechanic, também quando retrahido um d'aquelles elementos ao conjunto dos que contribuem para o exercicio da vitalidade humana, sobrevem-lhe infalivelmente a asphyxia physica ou moral, não importa sabel-o. N'um e n'outro caso a consequencia será uma fatalidade dolorosa, por que a vida é sempre a harmonia, a relação constante; destruido um de seus termos a relação se rompe, a harmonia se quebra e a existencia se impossibilita, pelo menos para o seu elevado destino moral.

Impulsado pelo espirito, cuja esphera de acção não se resolve nos estreitos limites do campo individual, mas dilata-se a circunscrever o tempo e o espaço, e cuja essencia sobrenatural teria a instrucção solemne da causa primeira, se por ventura o tempo podesse um dia apagar a luz da revelação nas paginas da tradição sagrada; trasendo ainda gravada no coração a lei divina do amor, que o impelle a procurar seus semelhantes, a dividir com elles o sangue e a vida; o homem não pode existir isolado da communhão social, solitario no vasto dezerto da natureza selvatica.

Elle sente ao contrario a necessidade de augmentar o seu ser, de multiplicar

a sua alma, se confundir o seu coração com outros corações, de completar emfim a sua personalidade pela constituição da familia, a primeira e sublime unidade social.

Como a molecula material que experimenta uma attracção para constituir o corpo em estado phisico independente, a familia, molecula organica de um outro corpo de classe mais elevada, também sente uma especie de cohesão, um influxo moral que a approxima de outras, em ordem a constituir-se a entidade superior que se chama patria.

Esse influxo é por assim dizer um fluido real, verdadeiro, uniforme, que localizado em um centro, onde é alimentado por todos os principios concorrentes para o effeito commum da maior felicidade e bem estar, estende suas ramificações por todos os membros do organismo da nação, como que constituindo o homologo de um systema nervoso, que modernamente se chama espirito nacional.

O espirito nacional é sem duvida a alma da patria, por que a patria sem nacionalidade seria mais a sombra phantastica de um cadaver ambulante, do que a imagem veneranda que se enthronisa no coração do povo, ahi onde fosse todo esse sangue de patriotismo que brota em correntes, quando é mister lavar a nodoa infamante atirada n'uma affronta nacional.

A patria não será pois uma entidade adephala, um grupamento casual de individuos colligados sem um fim moral, como por ventura seria um encontro fortuito dos nomades do deserto apertados em um recanto do sólo pela for a das tempestades de alem.

Bem ao contrario ella deve ser o amplexo social de muitos individuos, que partilhão os gosos e as vicissitudes da vida, no sólo em que cada um desfloreou o primeiro sorriso na aurora do nascimento, e sobre que hade verter a ultima lagrima no occaso da existencia; onde a religião, a lingua, a lei social, e até a tradição, são laços indissoluveis d'uma fraternidade sublime.

Assim constituida a patria, ella mesma é o argumento vivo, a razão necessaria d'esse culto que em todos os tempos lhe tem sido votado, não como a expressão de uma generosidade vulgar, mas como a satisfação de um dever solemne levado até o sacrificio do sangue e da vida dos cidadãos em holocausto á honra e á integridade nacional offendida.

No alto relevo que irrompe do plano inferior em que se degladião as paixões ignobéis no delyrio da luta indecorosa por interesses sordidos, a posteridade encontra sempre os nomes legendarios dos Tiradentes, imagens que fulgem illuminadas pela aureola do mais sublime patriotismo na tela ensombrada pela memoria dos Coriolanos.

Mas não é só a honra e a integridade da nossa patria que reclamão o nosso sacrificio; também a necessidade de seu engrandecimento, manifesto em uma progressão crescente de prosperidades, pedem instantemente o concurso de toda a nossa actividade, inpondo-nos a obrigação de colaborar no empenho de provê-la de todos os beneficios possiveis.

E' verdadeiramente n'este intento que o nosso primeiro dever está em

FOLHETIM

AVATAR

Por

Theophilo Gautier.

Traduzido

por

SALVADOR DE MENDONÇA.

I

(Continuação do N. 47)

Quando o doutor entrou, Octavio estava reclinado em um divan: uma almofada amparava-lhe a cabeça, noutra apoiava o cotovello, terceira cobria-lhe os pés; uma *gandoura* envolvia-o em suas dobras finas e macias; lia, ou melhor, tinha na mão um livro, pois que os olhos parados e fixos em uma pagina, não viam. Tinha as faces pallidas, mas, como dissemos, não indicavam sensível alteração. Um observador superficial não enxergára perigo algum no moço enfermo, juncto do qual, sobre um creado mudo, havia uma caixa de charutos em vez de garrafas, frascos, poções, tisanas e outros productos da pharmacopéa exigidos para o caso. O rosto sereno, posto que um tanto abatido, quasi nada perdéra de sua gentileza, e, excepção feita da atonia profunda e do incuravel amortecimento do olhar, Octavio parecia fruir sofrivel saude.

Por mais indifferente que fosse Octavio; o aspecto singular do doutor impressionou-o. Baltazar Cherboneau tinha ares de personalidade escapado de um conto de Hoffmann, passeando á luz da realidade, pasma de ver esta creação extravagante. A cara, extremamente trigueira, era devorada por um craneo enorme que a queda dos cabellos tornava ainda mais vasto e espaçoso. Este craneo nú, luzente como o marfim, conservára a côr clara, emquanto que o rosto, exposto ha mais tempo á acção dos raios do sol, revestira, graças ás superposições das camadas tisanadoras, um todo

de arvore velha ou retrato enfumaçado. As ligeiras ondulações, reentrancias e saliencias dos ossos eram tão vigorosamente accentuadas, que a pouquissima carne que os cobria dirse-hia, ao vêr as suas mil rugas de pergaminho velho, uma pelle apenas humedecida com que se houvesse coberto nma caveira. Os raros capellos alvadios que ainda possuia na cabeça, divididos em tres miserias secções duas das quaes plantadas sobre as orelhas e a terceira sahindo da nuca para morrer quasi na testa, as bria saudades dos mais ridiculos penteados das antigas e modernas éras e corôavam de modo grotesco esta physiognomia de quebranosos.

Mas o que no doutor punha em torturas a atenção eram os olhos; no meio deste rosto tisanado pela idade, calcinado pelos climas encandessentes, sofado pelo estudo, onde as fadigas da sciencia e da vida estavam estampadas em sulcos profundos, em radiantes pés de galinha, em rugas mais unidas que a folhas de um volume não lido, brilhavam duas pupillas de um azul de turqueza, de tal limpidez, frescura e mocidade, que não fóra facil conceber. Estas estrellas azues luziam no fundo de orbitas amareladas e de membranas concentricas, cujos circulos esbranquiçados recordavam vagamente as pennas dispostas aome aureola á roda da pupilla nyctalope das corujas e mochos.

Jurar-se-hia que, por alguma arte de magia, sabida dos brahmines e dos panditas, o doutor roubára olhos de uma creança e os encrávara na sua cara de cadaver. No velho, o olhar tinha vinte annos; no moço, tinha sessenta.

O traje era o traje classico do medico: casaca e calças de fazenda preta, colete de seda da mesma côr e na camisa soberbo brilhante, presente de algum rajah ou de algum nababo. Mas toda esta roupa fluctuava como si estivesse dependurada a um cabide e desenhava grandes pregas perpendiculares, que os femures e as tibias do doutor quebravam em angulos agudos quando elle sentava-se. Para produzir esta magreza phenomenal não bastou por certo o sol devorador da India. E' que Bartazar Cherboneau se submetêra, com algum fito de iniciação, aos longos jejuns dos fakires, e conservára-se na pelle de gazella

juncto dos yoghis entre os quatro brazeiros ardentes; esta perda de substancia não accusavam, porém, nenhum enfraquecimento. Ligamentos solidos e destendidos nas mãos, como cordas no braço de uma rebeca, uniam entre si os ossos descarnados das phalanges e os deixavam mover-se sem muito ruido.

O doutor sentou-se na cadeira que Octavio lhe designára com a mão, ao lado do divan, quebrando-se em zig-zag como uma escala que se fecha, e com movimentos pue indicavam habito inveterado de sentar-se no chão encrusando as pernas. Assim colocado, Cherboneau dava costas á luz, que batia do chapa no rosto de seu doente, o que favorecia o exame, sendo a posição predilecta dos observadores, mais propensas a vêr do que a serem vistos. Posto que o rosto do medico estivesse na sombra e que o alto de seu craneo, luzidio e redondo como um gigante ovo de ema, interceptasse apenas na passagem um raio de luz, Octavio distinguia o scintillar das singulares pupillas azues, que pareciam dotadas de luz propria, como os corpos phosphorescentes; despediam raios agudos e tão penetrantes que bem de frente o doente recebia com esse abalo de excitação e calor que produz o emetico.

— Está bom, meu amigo, disse o doutor depois de um momento de silencio, durante o qual pareceu resumir os indicios colhidos na sua rapida inspecção, já vejo que não se trata aqui de um caso ordinario de pathologia; não é uma dessas molestias conhecidas, de symptomas certos e sobidos, que o medico cura quando não peiora; depois de havermos conversado alguns minutos, não lhe pedirei um pedaço de papel para nelle traçar uma receita anodina do formulario, onde por baixo vá garafajuera uma assignatura hieroglyphica, e que o seu creado tenha de levar á botica do cante.

Octavio sorriu apenas, como para agradecer a Cherboneau tê-lo dispensado pe tomar remedios invteis e fastidiosos.

— Mas, continuou o doutor, não se vá alegrando com tamanha pressa; si não tem hypertrophia do coração, tuberculos apulmonares amollecimento da medula espinhal, derramamento seroso no cerebro, febre tifoide ou ner-

vosa, não se segue que esteja de de perfeita saude. Dê-me sua mão.

Julgando que Cherboneau ia tomar-lhe o pulso e esperando já vê-lo de relógio na mão, Octavio regeçou a manga de sua *gandoura*, descobriu o braço e estendeu-o machinalmente para o doutor. Sem procurar com o pollegar essa pulsação aoina ou lenta, que indica no homem si está ou não desconcertado o relógio da vida, Cherboneau tomou na sua mão resicada cujos dedos ossudos pareciam unhas de caranguejo, a mão delicada, fina e macia do moço; apalpou-a, apertou-a, cerrou-a, como si quisesse pôr-se em comunicação magnetica com o objecto de suas investigações. Octavio bem que não acreditasse na medicina, não podia furtar-se á certa emoção ou ancia, pois parecia-lhe que o doutor se identificava com a sua alma por meio dessa pressão, eo sangue sumir-se-lhe completamente das faces.

— Meu amigo, dêsse o medico largando-lhe a mão, o seu estado é mais grave que pensa, e a sciencia, ao menos a da velha rotina europeia, nada pôde fazer: o senhor não tem mais vontade de viver e suo alma desliga-se insensivelmente do corpo; não sofre de hipochondria ou tendencia melancolica para o suicidio. Não! com o senhor dá-se um caso raro e curioso, porque podia, si eu não obstasse, morrer sem a menor lesão, que interior ou exteriormente se chegasse a conhecer. Já era tempo de chamar-me, por isso que o espirito apenas por um fio está ligado á materia; vamos, porém dar-lhe um nó cego.

E o doutor esfregou as mãos de contentamento, fazendo uma careta em vez de sorrir, o que ocasionou uma revolução geral no systema de rugas do seu rosto de pergaminho.

— Sr. Cherboneau, não sei si me conseguirá curar, e, demais, não tenho lá muito desejo disso, mas devo confessar que, logo á primeira vista, comprehendeu a causa do estado mysterioso em que me acho. Está me parecendo que meu corpo tornou-se permeavel e deixa escapar o meu—eu,— como um ralo dá passagem á agua pelos furos. Conheço que me vou aggregando ao todo donde sahi e já me custa a reconhecer-me na confusão em que me vou mergulhando.

(Continua.)

debellar a acção de todo o elemento deleterio, que infiltrando-se pela base, se pode espalhar pelo corpo, levando a podridão aos membros do organismo.

E mormente agora, quando é prospero o estado das relações externas, e relativamente feliz a situação interna, é que cumpre extirpar-se a manceuilha social que procura germinar no seio da geração actual; cumpre evitar um eterno adormecimento de seus membros, combatendo a somnolencia morbida no perfume fatal que prosta o organismo social na embriaguez moral da inacção.

E' realmente uma dolorosa verdade que a morosidade do progresso da nação seja apenas devida a essa inercia estúpida, a esse indifferentismo injustificavel, que nós os Brasileiros manifestamos ante os magnos e palpitantes interesses do paiz. Parece que expatriamos moralmente, e agora não mais nos importa que a nação role sobre os dias que passão arrastando uma existencia ingloria na corrente dos acontecimentos que se succedem fatalmente.

Dir-se-hia que a geração presente está absorta no extasis d'uma visão, como que contemplando ainda o quadro grandioso de seu passado historico.

Dir-se-hia que em seu somno lethargico ella recorda estas palavras, que alguém por ventura gravou-lhes no coração: « nossos pais fiserão muito por nos; começarão por conquistarnos o immeuso lar, e quando o lar já estava conquistado, pedirão—liberdade. Uma nuvem de desgraças baixou sobre suas frentes; um mar de dores inundou a sua vida; uns descerão aos calabouços, outros correrão ao exilio e muitos subirão ao cadafalso; e quando nós, filhos da desventura, nascidos entre lagrimas, viemos ao mundo, a guerra açoulava nossos berços, um amargurado pranto nublava os olhos de nossas mãis!..... Mas agora ao despertar do somno da infancia, vimo-nos armados de todas as armas, com a liberdade da imprensa, da tribuna etc. instrumentos forjados no fervedouro de uma revolução de out'ora.

Como manobral-as? Que fazer d'ellas? »

Oxalá podesse ainda responder-lhe um tribuno emminente com as palavras inspiradas de uma interpegação que assim proferisse:

« Geração presente, para a qual parece terem-se quebrado todas as cadêas, aberto a tua idéa todos os horizontes, herdeira de infinitos thezouros de sciencia; obrigada a ser religiosa, profundamente religiosa, para que a sciencia e o christianismo se unão em eternas harmonias, como manifestações distinctas de uma mesma verdade; possuidora de infinitas forças, que centuplicão tuas forças: do vapor que te dá azas, da aurea electricidade, que é mensageira de teus pensamentos; tendo merecido que a natureza te abraisse suas entranhas e te confiasse seus mais reconditos segredos;..... Se com todos estes elementos, geração presente, passas teus dias na abjecção e no olvido; quando estes dias sejam contados, quando se approxime a negra orla do tempo e depois te apresentes ao tribunal severo da posteridade, que peza as obras dos individuos, dos povos e das gerações, e lhe confesses com a consciencia cheia de trevas e as mãos vãs de obras boas, que nada fizeste dos grandes destinos que o passado te havia legado..... mal de ti, geração presente! uma sentença tremenda ainda irá cubrir a tua sombria morada com o ultimo labéo da execração social—a eterna maldição da historia! »

E o que diremos agora da mocidade, da geração que nasce para renovar as forças transformadas, para retemperar esse sangue venoso, residuo dos elementos consumidos nas funções organicas da vida social?

Em má hora talvez se pretende descobrir em seu corpo infantil os germens de uma morbidez precoce.

Somos joven e bem joven, tanto importa-nos o dever de pugnar pela honra da juventude com o ardor impetuoso que inspiramos a santidade da causa.

Elles, os phariseus, são tremendos em suas accusações!...

Temos os labios ainda humidos do leite e do perfume do beijo maternal; elles dizem que ja sorvemos, com a avidéz de um ébrio, o veneno e a morte na taça negra da corrupção e do vicio.

Somos o ultimo rebento que deve um dia reproduzir o tronco envelhecido d'uma geração passada; elles dizem que somos a flôr estiolada no meio sombrio de um sensualismo infrene, que apodrece-nos até a medula.

Na alma sentimos a fé viva que nos avigora a crença dos mysterios sublimes da religião, no coração temos um templo aberto ao culto dos principios grandiosos, as harmonias dos mais bellos sentimentos, na intelligencia trazemos um espelho magico que só reflecte as imagens das idéas puras e santas; mas elles mentem que materializamos a alma pela scepticismo, mentem que o coração só procura o podre alimento de suas paixões ignobeis, e mentem ainda que o fogo ardente de nossa intelligencia ja se apagou nas cinzas de uma existencia calcinada em completa abjecção moral.

Oh mocidade! sê uma vez mocidade; ergue-te e desmente para sempre estas calumnias.

Haviamos visto a razione como naturalmente se formava a familia humana, origem e base da familia nacional.

Se agora recorremos ao passado e procuramos na historia a geneologia e o destino d'essa primeira sublime unidade, teremos a confirmação real do que ja dissemos.

Com effeito, na idade patriarchal um grupo de homens filhos de um pai commun constituia uma familia; esta multiplicando-se e estendendo suas ramificações na proporção das gerações que passavão, refundia-se mais tarde com os novos elementos gerados e constituia a tribu ou horda, que apoz uma transição mais prolongada, vinha formar enfim a nação.

A qualquer espirito é por demais evidente a progressão crescente n'esta ordem de grupamentos sociaes, e surge logo o ideal do limite que ella procura atingir, seguindo a marcha constante e uniforme do crescimento.

As noções de individuo, familia e nação implicão fatalmente a idéa de humanidade, a esphera circumscripta a todos aquelles elementos concentricos.

Realmente quando se contemplão os poderosos recursos da civilização moderna, que continuamente estreita as relações internacionaes pela diffusão das linguas, pela propagação das idéas communs e pelos ultimos inventos do poder humano, sente-se, não ha negal-o, que a nação não é ainda um estado difinitivo, mas um periodo de desenvolvimento do corpo social. Assim pois, em um futuro provavel ella deve soffrer a ultima evolução, com a qual desaparecerá o espirito nacional, para surgir a idéa da união geral.

Então a patria communserá o mundo civilizado, e no coração do povo—humanidade se erguerá um altar onde hade se queimar o incenso de um patriotismo, que, refluindo em todos os órgãos d'essa móle ingente, se chamará fraternisação universal!

ADOLPHO PINTO.

A Polvora

(Continuação)

Em seus combates contra os christãos, também usavam os Sarracenos de *clavas de aspersion*, as quaes rebentando sobre o inimigo, cobriam-no de fogo incendiario. Havia cavalleiros que andavam munidos de garrafas cheias d'essa composição incendiaria; a bocca da garrafa estava coberta de enxofre; em um momento dado, lançava-se o fogo ao enxofre, o frasco quebrava-se pelo calor, e o cavallo com o cavalleiro iam por em desordem os batalhões inimigos.

Os crusados, que só sabiam combater com o ferro, ficavam aterrados quando cobertos de fogo pela

clava de aspersion ou pelas lanças de fogo dos infieis: e o historiador Joinville, que tomou pessoalmente parte nas guerras da Terra-Santa, deixou-nos em suas ingenuas chronicas bastas provas da impressão profunda que estas armas estranhas deixavam no espirito dos guerreiros christãos.

Pretendeu-se durante longo tempo que o fogo incendiario ardia com tanta actividade que era impossivel apagalo, e que a agua que se lançasse para deter os seus estragos, o ateava mais ainda. Mas hoje é sabido que o fogo incendiario se extinguiu na agua.

Parece certo que, no seculo XIV, os Arabes misturando salitre com as materias que entravam na composição do fogo incendiario, isto é, com o enxofre e carvão, formaram pela primeira vez uma mistura inteiramente análoga á nossa polvora actual; como em tal época já a sciencia chimica estivesse muito adiantada entre os Arabes, conseguiram estes purificar o salitre desembaraçando-o dos productos estranhos que retardavam a sua deflagração. O salitre assim purificado, e por conseguinte mais activo, tendo sido misturado com enxofre e carvão, produzia uma mistura cuja combustão podia fazer-se essas bruscamente para que a subita expansão dos gazes formados durante esta combustão podesse atirar um projectil. Assim se originou a polvora propriamente dita.

Com tudo o salitre preparado pelos Arabes era ainda muito impuro para dar a polvora uma grande força de projecção.

A polvora preparada no seculo XIV não poderia imprimir aos projectis uma velocidade assás consideravel para atravessar as maciças armaduras dos homens d'armas d'aquella época. Por isso, no seculo XIV, a polvora não servio senão para atirar grandes pedras que esmagavam os edificios e os muros das cidades sitiadas.

Estas primeiras boccas de fogo tinham o nome de bombardas.

Deve notar-se que a descoberta da polvora não fez renunciar, nos primeiros tempos, ao uso do fogo incendiario entre os Mulzumanos, nem mesmo entre os Europeus. Com effeito, as primeiras bombardas não serviam só para atirar pedras contra os muros ou defesas das cidades sitiadas, mas também serviam para lançar o fogo incendiario.

Este ultimo facto prova mais, em opposição a uma opinião ainda muito seguida, que o segredo da preparação do fogo incendiario nunca se perderá na Europa. Os fogueteiros da idade média conheciam perfeitamente e sabiam empregar esse fogo incendiario que tanto terror causara aos seus antepassados nos combates da Palestina.

Longe de ter sido perdido, o fogo incendiario ainda se usava, no seculo XIV, nos assedios, e tinha também sido applicado á arte das minas; mas foi-se desusando cada vez mais á medida que a preparação da polvora se ia aperfeiçoando.

Diferentes nações reivindicaram a honra de terem feito, pela primeira vez, uso dos canhões. A questão parece estar hoje resolvida. Em 1325, conforme um documento authenticico, o *gonfaloneiro e os doze bons homens* (magistrados) da cidade de Florença tinham o poder de nomear dous officiaes encarregados de mandarem fabricar balas de ferro e canhões para a defesa dos castellos e aldeias pertencentes á republica. A Italia foi por conseguinte a primeira que usou de canhão.

Em França a polvora foi usada pela primeira vez no cerco de Cambrai por Edvardo III, em 1339. Em 1345 fabricavam-se canhões em Cahers, e empregaram-se, desde essa época, balas de chumbo.

Se os Ingleses não adoptaram a polvora senão depois dos Francezes, forão de todos os povos os primeiros que d'ella se serviram em rasa campanha, e contra as tropas francezas.

Na fatal batalha de Crécy, a 26 de Agosto de 1346, os Ingleses usaram de trez canhões que atiravam pequenas balas de ferro.

Como a derrota dos Francezes fosse

attribuida ao emprego de boccas de fogo n'esta batalha, todas as nações militares da Europa adoptaram logo a artilheria.

Se o canhão até então só tinha troado contra os muros e baluartes das cidades sitiadas, foi usado pouco depois contra os proprios combatedores.

Com tudo o uso da artilheria parecia um crime aos homens d'armas da média idade. Repugnava-lhes empregar na guerra instrumentos com os quaes um cobarde podia matar, de longe e sem perigo, um guerreiro intrepido.

Em 1350 as communas de França tinham canhões, artilheiros e um mestre de artilheria, para resistirem aos ataques da feudalidade. Em 1376 os Ingleses, que só tiveram trez boccas de fogo na batalha de Crécy, atacavam São-Malo com quatrocentos canhões.

Em 1380, appareceram pela primeira vez canhões a bordo dos navios.

Te-n-se varias vezes attribuido a invenção da polvora a Bertholdo Schwartz, monge franciscano de Friburgo, que vivia pouco mais ou menos em 1350. Esta opinião é muito mal fundada, como sufficientemente mostram as explicações historicas que preceitam, mas é indubitavel que a Bertholdo Schwartz pertence a invenção das boccas de fogo fundidas e compostas de uma liga de chumbo e estanho.

Antes de 1378 um canhão era formado de peças de ferro unidas com arcos. Nesta época Bertholdo entrou á republica de Veneza, então em guerra contra seus vizinhos, uma liga consistente, elastica, muito resistente e propria para fabricar excellentes boccas de fogo. Os Venezianos viram-se de canhões destes no cerco de Zuyda, depois da victoria, não lhe deram outra sorte de recompensa.

A arma segura e commoda chamada *espingarda*, não chegou ao seu estado actual senão depois de muitas modificações.

A primeira espingarda a que se chamou *colubrina* data do seculo XV.

Não era mais do que um longo canhão de ferro. Pegava-se n'elle encostando-o fortemente no braço esquerdo. Uma outra pessoa chegava fogo á escorva, ao commando do artilheiro.

Pouco depois muniu-se a *colubrina* de um cano e um supporte para o cano; o que permittio ao artilheiro de pegar, por si proprio, o fogo á escorva.

Esta arma recebeu o nome de *arcabuz de gancho*.

Nos primeiros annos do seculo XVI foi inventado o mosquete de mecha, e que era um aperfeiçoamento notavel da arma de fogo portatil. No mosquete de mecha uma cronha que terminava a arma permitia encostal-a ao hombro.

Uma vara de ferro, chamada forquilha, que se cravava na terra, servia para acertar o tiro.

Para lançar fogo á escorva, accendia-se uma mécha de algodão coberta de polvora, fixada previamente por cima da caçoleta.

Mas este meio de inflamar a polvora tinha muitos inconvenientes; por isso o *mosquete de mecha* foi promptamente abandonado e substituido pelo arcabuz de roda.

N'este a mécha era substituida por uma pederneira, ou silex, que lançava fogo á polvora por meio de faiscas que fazia saltar quando um disco d'aço, ou roda, movido pela acção de uma mola, vinha roçar vivamente pelo seu contorno. O *arcabuz de roda* é originario da Allemanha. Foi aperfeiçoado n'este paiz em 1519, 1573 e 1632; também foi aperfeiçoado em Veneza em 1584. Reduziram-se as dimensões do antigo mosquete, o que permittio supprimir a forquilha e transformal-o em uma arma realmente portatil.

O *arcabuz de roda* era a arma portatil do exercito francez durante os seculos XVI e XVII.

A roda foi em seguida substituida por um mecanismo mais simples que produziu a *espingarda de gatilho*, emfim, em nossos dias, a espingarda de *pistão* ou de *phosphoro* e recentemente

a *espíndarda de agulha*.

Da narração precedente conclue se, em definitivo, que a descoberta da polvora não pode ser attribuída como já tanta vez se fez, a um inventor isolado. A polvora é obra não de um só individuo, mas dos esforços feitos durante muitos seculos.

A polvora é uma mistura combustivel que deve sua força de expansão e sua propriedade de atirar projectis a esta circumstancia physica, a saber: a subta transformação d'esta materia solida em gazes que occupam um espaço mui consideravel, cujo volume é tambem augmentado pela dilatação que o calor lhes imprime. O enxofre, o carvão e o salitre são materias solidas. Durante a combustão que é produzida pelo exygenio que o salitre cede ao enxofre e ao carvão, produz-se o gaz acido carbonico e gaz azoto; e a produção d'estes gazes é extremamente rapida. Alem disso, como toda a combustão desenvolve calor, este calor dilata consideravelmente os gazes provenientes da inflammção da polvora. Averiguou-se que um litro de polvora incendiada produz oito mil litros de gazes.

Os produtos; é esta transformação da polvora em gazes occupando um volume mui consideravel, que produz os enormes effeitos mecanicos que acompanham a sua explosão.

A polvora é uma mistura que, em partes, contem 78 de salitre, 12 de carvão e 10 de enxofre, materias solidas e muito combustiveis. Há dois meios para a fabricar: 1º o processo dos pilões, que é o mais antigo; 2º o processo das mós que produz a polvora de caça. A diferença consiste só na trituração e mixtão das substancias.

FIM

SECÇÃO LIVRE

Sr. redactor.—Recorro ao seu conceituado jornal para fazer algumas considerações a proposito de um factozamentavel occorrido nessa cidade por occasião das festas que ahi se realisaram no dia 7 do corrente mez.

Retiro-me ao desastre de que fôra victima uma infeliz menina, minha sobrinha, offendida por 2 foguetes que denominam rojões, quaes inflammados a um só tempo com outros, casualmente ou por descuido, gravaram-se de lado a lado da infeliz menina produzindo-lhe profundos e graves ferimentos.

Não temos em mira, escrevendo estas linhas, fazer censuras á este ou aquelle que por ventura tenha sido causa indirecta daquelle facto, mas como parentes que somos da menina, corre-nos o dever de trazê-lo ao publico, e reclamar de quem compete providencias para que jamais se repitam factos d'esta ordem, quaes incontestavelmente hão de reproduzir-se em quanto semelhante modo estúpido e retrógrado de solemnizarem-se festas não for totalmente abolido.

Ha tantos meios de solemnizarem-se as festas sem ser preciso lançar-se mão dos taes rojões, que só se recommendam pelo ridiculo pelo tumulto que resulta da agglomeração dos mulheques.

Não haverá, pois, um meio de acabar-se para sempre com taes foguetes?

Será preciso que mais alguma vez se veja uma pobre mãe coberta de lagrimas levantar em seus braços sua infeliz filha quasi morta e com as carnes rasgadas gottejando sangue?!

Capivary, 13 de Janeiro de 1877.

FRANCISCO MARIANO DA COSTA.

GAZETILHA

Solemnidade Religiosa.—No dia 13 do corrente as 6 horas da tarde, principiou o acto imponente da Benção da Igreja de N. S. das Mercês desta cidade; sahindo o Exm.º Sr. Bispo Diocesano da Igreja do Santo Sepul-

chro, acompanhado de 25 Sacerdotes, dirigio-se a antiga Capella das Mercês, para ahi se paramentar, voltando processionalmente no meio de um numeroso concurso de povo, benzeo na forma do Ritual Romano a dita Igreja.

Concluída a benção na forma da liturgia catholica, magistralmente dirigida pelo Conego Gonsalves, com toda a pompa religiosa, foi conduzida a Imagem da Padroeira a sua nova Capella.

Foi realmente tocante o momento, em que a Imagem de N. S. das Mercês, deixando sua velha residencia tomava posse do Templo construido com toda a decencia, para ahi o povo Ituano prestar-lhe um culto solemne.

Ao som dos mais harmoniosos canticos, foi trasladada a dita Imagem, as lagrimas de satisfação, que se observava em grande numero de assistentes, manifestavão o justo prazer de que se achavão possuidos.

Ao concluir-se essa bella solemnidade, com difficuldade pode o Exm.º Sr. Bispo atravessar a onda de povo, que pressurosa procurava beijar o anel de seo amavel Pastor, que voltava com grande sequito de sacerdotes para depositar na antiga Capella as reliquias dos Santos Martyres, que durante toda a noite ficarão no meio de luzes a veneração das religiosas da respectivo Convento.

No dia seguinte as 9 horas da manhã, começou a sagração do Altar, dirigida pelo distincto lithurgista da Cathedral, o Sr. Conego Gonsalves. Segundo consta foi restrictamente observado o pontifical Romano n'esse acto imponente do culto catholico.

Foi magestoso o momento em que o pontifice da Igreja, rodeado de grande numero de sacerdotes, dirigio-se a Capella, onde estavam depositadas as reliquias dos Santos Martyres, para conduzi-los ao lugar, em que devião ficar.

Durante toda essa longa cerimonia religiosa, cujo canto era dirigido pelo Exm.º Sr. Bispo eleito do Maranhão, observava-se a attenção de todos os assistentes a essa solemnidade pela primeira vez executada n'esta cidade.

Concluída já depois do meio dia a sagração do Altar, sua Exma. Rma. dirigio-se a Capella do Santo Sepulchro para tomar as vestes pontificaes; preparando o prestito religioso, entrou sua Exma. Rma. no meio de grande numero de Sacerdotes paramentados na Igreja das Mercês, e começou a missa Pontifical, sendo Presbytero assistente o Exmo. Bispo eleito do Maranhão, Monsenhor Pereira Barros, Ministro do baculo, Diacono do Solio, o Imo. P. Superior dos Jesuitas, Subdiacono, o Rmo. Reitor do Collegio dos Jesuitas, Diacono da Missa o P. Sabatini Subdiacono o Rvdo. Vigario do Amparo, que satisfatoriamente desempenharão o seu papel.

Pregou ao Evangelho o Conego Ezechias, que foi ouvido com religiosa attenção.

O canto, durante o Pontifical foi executado pelas respectivas religiosas, acompanhado de Harmonium; observou-se ms diferentes cantos toda harmonia desejavel.

Finda a Missa Pontifical regressou Sua Exm.º acompanhado de todos os Sacerdotes presentes a sua residencia.

As 6 horas da tarde, voltando Sua Exma. a Igreja das Mercês, depois de paramentado, dirigio-se a antiga Capella para trasladar o S. S. Sacramento.

As varas do palio forão sustentadas por Sacerdotes revestidos de pluvias sendo conduzido o S. S. por Sua Exma. Rma; ao sair da Capella o S. S. uma banda de mucca postada a frente da Igreja, executou lindissimas peças; subindo aos ares innumeros fogetes, repicando os sinos das 3 Igrejas visinhas.

A magestade do culto catholico se ostentou n'essa occasião, em toda sua magnificencia.

O Sumo Sacerdote, conduzia em suas mãos o Rei imortal dos seculos; uma massa compacta e povo, que acompanhava essa preciosa solemnissima, n'isso prestava sua religiosa attenção, a esse acto tão imponente.

Antes de começar o Te-Deus solemne

entoado pelo Exmo. Bispo eleito do Maranhão, O Exmo. Snr. Bispo Diocesano subio ao pulpito; em phrazes tocantes descreveo as difficuldades, porque tinha passado o piedoso Recolhimento de N. S. das Mercês para construir o Templo, que com tanto prazer elle acabava de consagrar ao culto catholico.

As lagrimas derramadas pelo nosso amavel Prelado ao terminar a sua allocução denotavão as vivas emoções, de que elle se axava possuido naquelle momento tão solemne. Terminada essa allocução voltou S. Exa. ao solio e começou-se o canto solemne do Te-Deum, em ação de graças beneficos concedidos pelo Omnipotente, especialmente ao Recolhimento de N. S. das Mercês, que hoje possui um Templo, senão ricamente construido, ao menos com toda a decencia, para n'elle celebrar seos actos solemnes da nossa Religião.

Mil louvores sejam dados a todas as almas generosas que não recusarão seu obolo a essas pobres mulheres recolhidas, que tantos serviços prestão ao sociedade, por suas orações e pelo exemplo das mais acrysoladas virtudes.

No coração do povo ytuano, fica gravada essa epocha memoravel.

Nossos sinceros agradecimentos ao digno prelado da Igreja Paulistana, que compenetrado de sua augusta missão, attendeo ao pedido de humildes religiosas, para dar um verdadeiro realce as solemnidades do culto Catholico.

Partida.—No dia 17 regressou á S. Paulo depois de ter estado alguns dias nesta cidade, S. Exma. Rvd. o Sr. D. Lino, Bispo d'esta Diocese, S. Exma. esteve hospedado no hospicio da Terra Santa; onde recebeu um tratamento digno de sua pessoa, sendo visitado e cumprimentado pelas Autoridades e pessoas gradas do lugar. Verdadeiro Prelado, soube S. Exma. dispensar a todos, sem excepção, um modo afavel e carinhoso de verdadeiro Pai; merecendo por isso a veneração de seos fieis jurisdicionados.

A Província de S. Paulo deve se ufanar de ter um prelado como D. Lino.

Nos dias 15 e 16 abriu S. Exa. o sagrado chrisma.

Fallecimento.—No dia 17 do corrente falleceo, quasi repentinamente, de um ataque de estupor o Rvd. Frei Bernardo Castello do S. Sepulchro, frade Franciscano; o fallecido morava e tomava contas do Hospicio da terra Santa, edificado nesta cidade pelo sempre lembrado e virtuozo sacerdote Franciscano Frei Bartholomeu Marques.

Frei Bernardo era maior de 70 annos, durante o pouco tempo que viveo nesta cidade, soube grangear estima e sympathia geral dos Ituanos.

Inauguração.—No dia 18 realisou-se a inauguração da estrada de ferro do Norte até a cidade de Pindamonhangaba.

Estrada de ferro de Pirassununga.—Consta-nos que os trabalhos desta estrada já estão mui to adiantados, e que a inauguração da estação dos Cordeiros ás Araras terá logo lugar.

Donativo importante.—Consta-nos que o sr. Capitão Bento Dias de Almeida Prado, Provedor da S. Casa de Misericordia desta cidade, acaba de fazer doação á aquelle Estabellimento de 100 acções da Companhia da estrada de ferro Ytuana.

Mil louvores sejam dados ao digno Provedor.

Socorros para Portugal.—A Comissão central fundada na Corte para obter donativos ás victimas que soffrerão grandes prejuisos, pelas inundações que ultimamente tem assolado aquelle paiz, acaba de nomear uma comissão local nesta cidade, composta dos srs. Miguel Luiz da Silva, Capm. Antonino C. de Camargo Teixeira, João Tibyriça, Jose Lobo Guimarães, e Jose Geribello, afim de promover donativos.

Consta-nos que a commissão ja deo começo ob tendo algumas assignaturas.

Em nome da humanidade apellamos para a generosidade, principalmente, dos cidadãos portuguezes residentes nesta cidade para salvarem seos irmãos que soffrem: os Ituanos saberão tambem mostrar que são philanthropicos.

Mutuação Philantropica e Protectora.—Recebemos os estatutos e o regulamento administrativo de uma associação criada no Rio de Janeiro com aquelle nome. E' seo Presidente, o senador Dr. Joaquim Florindo de Godoy—Banqueiro o Banco do Brasil: outros nomes de grande prestigio occupão diversos cargos.

Tem como Presidente Honorario S. A. R. O Sr. Conde D'Eu.

Publicações.—Recebemos: A *Eschola*, n.º 1, revista brasileira de educação e ensino, collaborada por professores e literatos, editor o sr. Serafim José Alves.

Recommendamos esta publicação aos senhores professores.

—*Illustração do Brasil*, n.º 18, de 4 do corrente. Traz interessantes escriptos e gravuras sobre assumptos da actualidade.

—*Illustração Popular* n.º 14 de 6 do corrente. Artigos bonitos e finas gravuras.

O Rio de Janeiro. Acaba de sahir da casa Garnier o primeiro volume de um interessante trabalho do distincto professor do collegio de D. Pedro II, o sr. dr. Moreira de Azevedo.

Intitula-se *o Rio de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos, cariosidades*, e como mui indica seu titulo, trata de tudo aquillo com a maior exactidão e fidelidade.

Ha meia duzia de annos appareceu a primeira edição desse livro, então bem acceito pelo publico, com o titulo de *Pequeno Panorama* que o autor trocou pelo actual, julgando o mais apropriado.

Não escapou ao autor nenhum dos edificios antigos e mesmo alguns dos mais modernos da capital do imperio, e de cada um faz a historia completa desde que foi lançada a primeira pedra até o seu estado actual: é o seu livro uma especie de archivo resumido da historia da cidade do Rio de Janeiro a partir da chegada aqui dos Francezes e terminando com a partida do imperador para os campos de Troia e para sua viagem do Oriente.

A obra que foi refeita e despida das imperfeições notadas na primeira edição, é recommendavel e até indispensavel a quem quizer bem conhecer a historia do Rio de Janeiro, e os usos e costumes dos seus antigos habitantes.

De que tractou mui especialmente o sr. dr. Moreira de Azevedo foi de ser exacto e fiel e isso conseguiu, graças as constantes pesquizas que em todos os documentos referentes ao assumpto de que se occupava.

Adoptou o autor o methodo mais conveniente na distribuição da materia do seu livro, que incontestavelmente encerra muita curiosidade e a historia de certos factos desconhecidos, hoje de muita gente, por mais de um titulo são interessantes e prendem a attenção do leitor.

O livro do dr. Moreira de Azevedo é destes que carecem ser corrigidos e reeditados, de quando em vez, e deve-se confessar que no volume apparecido se fizerão todos os additamentos e modificações precisas em trabalhos daquella especie.

Baptisados:

Dia 13. Adolpho, de 10 dias; libertado na Pia, filho de Theodora, escrava de Marcos Antonio Teixeira.

Dia 14. Maria nascida a 10 de Dezembro p. p. filha de José e Claudina, escravos do cap. Antonino Carlos de Camargo Teixeira.

Rosalia, de 17 dias, filha de José e Elidia, escravos do dr. Francisco Emidio da Fonseca Pacheco.

Dia 15. Maria, de 22 dias, filha de Candida, escrava de Joaquim de Sampaio Arruda.

Casamento.

Dia 15. Joaquim Florindo do Espirito Santo com Margarida Francisca de Assis.

Obituario.—Do dia 12 á 18 de Janeiro sepultarão-se os seguintes cadaveres.

Dia 12. Paulo, solteiro, 50 annos escravo do cap. Bento Dias de Almeida Prado, falleceo na S. C. de Misericordia; typho cerebral.

Dia 13. Elisa, 11 annos, filha de Manoel Rodrigues da Silveira e sua mulher d. Anna Gertrudes; febre typho.

Quiteria, 16 annos, casada, escrava do cap. Bento de Almeida, falleceo na Misericordia; thyzica pulmonar chronica.

Dia 15. Maria, 2 annos, filha de Vicente e Francisca, escravos de d. Antonia Pacheco Campos; vermes.

Joaquim Gabriel de Freitas, 13 annos, filho de José Joaquim de Freitas e d. Maria Benedicta de Freitas; apoplexia cerebral.

Dia 16. Eva, 16 mezes, filha de Constancia, solteira, escrava de Joaquim Xavier da Silveira; vermes.

Dia 17. Adolpho, 3 mezes, filho de Faustina Maria do Espirito Santo, solteira; helmentiaveis.

Dia 18. Frei Bernardo Castello do S. Sepulchro, 72 annos, natural da Espanha; estupor.

EDITAES

O Dr. Francisco de Assis Pacheco Junior, Juiz de Orphãos nesta Cidade de Itú e seu Termo & etc.

Faço Saber aos que o Presente Edital de interdicção virem que por D. Izabel Francisca de Almeida me foi enviado a dizer, que seu marido Francisco Antonio Bueno tem estado de completa demencia, e algumas vezes furioso, e por isso tem se tornado incapaz de reger sua pessoa e administrar seus bens, tendo inquirido duas testemunhas e com resposta do Curador Geral foram os autos concluzos ao Dr. Juiz de Direito, o qual exarou sua sentença seguinte. Em vista dos depoimentos das testemunhas, e exame medico a que se procedeo julgo o justificado Francisco Antonio Bueno incapaz de reger sua pessoa e administrar seus bens por demente, e mando que na forma da Ord. L. 4º T. 103 selhe dê Curador. Publique-se o interdicto para que fiquem nullos, e de nenhum effeito os Contractos que da data desta sentença em diante, com elle se ceiebrar. E pagas as custas pelos bens do mesmo interdicto.

Baixem os autos ao Juizo donde vierão para todos os effeitos legais.—Itú 20 de Dezembro de 1876.—Frederico Dabney de Avellar Brotero.—Nada mais se continha em dita sentença em virtude da qual foi nomeada Curadora D. Izabel Francisca de Almeida mulher do interdicto.—Dado e passado nesta Cidade de Itú aos 4 de Janeiro de 1877.—Eu José Francisco da Costa Escrivão de Orphãos que escrevi.—Francisco de Assis Pacheco Junior.

Edital de interdicção de Francisco Antonio Bueno. Para V.S. ver e assignar. 2-2

O Dr. Francisco de Assis Pacheco Junior, Juiz de Orphãos nesta Cidade Itú e seu termo. & etc.

Faço saber aos que o presente Edital virem, e d' elle noticia tiverem, que durante o prazo de 30 dias contados da presente data de sua publicação, este Juizo recebe propostas para a compra dos seguintes escravos. Elias reformada a avaliação por 450\$000 Anna mulher do mesmo reformada a avaliação por 700\$000 Jezuíno por 800\$000 Feliciano mulher por 1:200\$000 Malvino carpinteiro reformada a avaliação por 2:200\$000 e Manoel reformada a avaliação por 250\$000; pertencentes a interdicta D. Maria Micaella de Vasconcellos moradora desta Cidade.

Os pretendentes poderão examinar os ditos escravos na Caza de sua senhora a rua da Palma. Os proponentes deverão comparecer a 1.ª audiência depois de findar as ferias em 3 de Fevereiro, para assistirem a abertura das propostas e verificarem a venda com quem maior lance offerecer. E para que chegue a noticia a todos mandei

passar o presente por tres vias, que serão affixados nos logares do estilo e publicado pela imprensa de que se passará certidão para constar. Dado e passado nesta Cidade de Itú aos 20 de Dezembro de 1876.—Eu José Francisco da Costa Escrivão de Orphãos, que escrevi.—Francisco de Assis Pacheco Junior.

Edital convocando proponentes para a compra de escravos pertencentes a D. Maria Micaella de Vasconcellos. 2-2 Para V.S. ver e assignar.

Francisco da Silva Machado, Fiscal da Camara Municipal desta Cidade de Itú.

Faz saber a todos a quem convier, que d'esta data á 15 dias dará completa execução dos Artigos 44 e 57 do Codice das Posturas Municipaes; isto é, a respeito a prohibição de cães e porcos dentro da Cidade.

E para que chegue ao conhecimento dos interessados manda passar o presente, que será assignado e publicado.

Ytu, 20 de Janeiro de 1877.

Francisco da Silva Machado.

ANNUNCIOS

Ao commercio

Os infrascriptos dissolverão amigavelmente em 19 de Dezembro de 1876, a sociedade que entre si haviam formado e que n'esta praça funcionava sob a razão de Valente & Ribeiro; ficando a cargo do socio Jacintho Valente Barbas todo o activo e passivo da caza. 2-4

Ytu 7 de Janeiro de 1877.

Jacintho Valente Barbas.
Fernando Ribeiro Soares
Francisco Brenha Ribeiro.

MASSA FALLIDA.

Por ordem do Snr. Dr. Juiz Commercial, convido a todos os devedores da massa fallida de Antonio Joaquim da Costa, a satisfazerem seus debitos até o dia 31 do corrente, pois findo que seja esse prazo proceder-se-ha a cobrança judicial.

Itú 4 de Janeiro de 1877.

O Cobrador, José Antonio da S. Pinheiro 2-4

Atenção

Jacintho Valente Barbas, successor da firma em liquidação de Valente & Ribeiro, roga a todas as pessoas que se achão em debito para com esta firma, o obsequio de virem saldar as suas contas com urgencia, á rua da Quitanda n.º 27 2-4

Ytu 7 de Janeiro de 1877.

Jacintho Valente Barbas.

Successor de Valente Ribeiro

Declaração

Braz Carneiro Leão, natural e morador em Ytu, a fim de evitar futuras questões, faz publico, que de ora em diante elle e sua sra. se assignarão. 2-4

Braz Carneiro Adelaide Carneiro



2-4

Desapparecerão do logar denominado—Cruz das Almas,—quatro bois sendo um vermelho, caracú, tendo a extremidade da cauda branca, e uma pinta tambem branca junto ao chifre; outro de cor amarella e chifres grandes.

Ambos são marcados com a letra - S. - Os dous outros são faceis de conhecer-se porque tem defeitos salientes: um é vermelho estrella, caracú e tem a cauda torta; o outro tem a ponta do chifre quebrada, é de cor amarella e marcado com a letra - S. -

São pertencentes a José Gonsalves Ribeiro, que gratificará generosamente a quem prende-os e entregal-os.



CAO PERDIDO

Desappareceo do abaixo assignado um cão veadeiro, com os seguinte signaes: cor preta com uma coleira e os quatro pes brancos, é novo e obedece ao nome de Coleira, quem entregar ou der noticia certas será gratificado.

Itu 18 de Janeiro de 1877

Joaquim de Almeida Pacheco e Silva.

NA

Loja do Cascudo á rua do Commercio n.º 54. Acaba de chegar um grande e variado sortimento de tranças modernas de cabellos, que vende por preços baratissimos.

São de elegancia e bom gosto: e por isso previne as familias, deste bello sortimento.

54 Rua do Commercio 54

Lista Geral da correspondencia existente na Agencia do Correio de Itú ate 31 de Dezembro de 1876.

Biagio Pezzotti	1
Barão de Piracicaba	1
Benjamin Dias do Amaral	1
Barbara Augusta da Silva	1
Carlos Antonio Querobin	1
Constantino Duarte Pinto	2
Camillo Pires de Andrade	1
Carlos Joaquim M. de Aguiar	1
Carolina Leopoldina do Amaral	2
Carolina Antonieta A. Vasconcelos	2
Delfina Maria da Rocha	2
Domingos Francisco de Freitas	1
Daniel dos Santos Silva	1
Damião da Costa Camargo	1
Dorismundo Martins de Mello	1
Emilia Maria da Conceição	4
Eusebio Rolin Fagundes	1
Elizia Amelia	1
Erlinda Augusta de Camargo	1
Ermelinda Alves Ferreira Prado	2
Eliza Eutabia da Silva Bueno	1
Eliza Olivia de Aguiar Vasconcellos	1
Dr. Esteveux	2
Francisco Galvão de Barros Leite	2
Francisco M. de Sampaio Mello	1
Francisco José Machado	1
Francisco Pacheco de Toledo	1
Francisco de Almeida Campos	1
Francisco Leite de Sampaio	1
Francisco Ferraz de Camargo	1
Francisco Xavier de Almeida Pires	1
Francisco Xavier de Campos	1
Fortunato José Castello Branco	1
Fermino Arbifenille	1
Francisca Carolina de Almeida	1
Francisca de Paula Freire	1
Francisca Emilia de Campos	2
Gertrudes M. da A. Veneranda	1
Gertrudes do Coração de Jesus	1
Gertrudes Pinto d. A. Prado	1
Gabriella de Barros Gama	1
Gabriella Angelina de Barros	1
Gabriella Ferraz de Camargo	1
Gabriella Pacheco	1
Galdino Vaz de Arruda Amaral	1
Gustavo Ravache	1
Henrique Ferraz da Silva	1
Izabel Maria Gonsalves	2
Izabel Maria de Jesus	1
José Caetano de Abreu	3
José de Almeida Sampaio	1
José Correa Lemes	1
José Maria da Silva	1
José Maria de Oliveira	1
José Dias de Carvalho	1
José Galvão de Franca	1
José Kermode	1
Joaquim Antonio de Arruda	1
Joaquim Antonio da C. Nhozinho	1
Joaquim de Campos Pacheco	1
Joaquim Ribeiro Fernandes	1
Joaquim José de Castro	1
Joaquim Vicente da Silva Paranhos	1
Joaquim de Almeida Leite	1
Joaquim Pereira da Motta	1
João Paulo da Silva	1
João de Aguirra Camargo	1
João Ignacio de Mattos	1
João de Sampaio Ferraz	1
João Francisco de Jesus Pium	1
João Vieira de Almeida	1
João Pereira de Escobar	1
João Pedrozo de Almeida	1
João Rodrigues da Costa	1
João Baptista de Oliveira Assis	1
Julio Ezequias de Campos	1
Luiz Pereira	1
Luiz Vicen e de Souza Queiroz	1
Luiz Augusto de Toledo	1
Luiz Januario de Quadros	1
Luiz de Sampaio Penteado	1
Lucio Pinto Leite Baia	1
Lino Placido Soares	1
Luciano Francisco Alves	1
Luiza de Oliveira Pinto	1
Lucilia Virginia Pereira Baileiro	1
Laurinda Maria de Jesus	1
Laudelinda Maria da Anunciação	1
Manoel Maria Ferreira Santos	1
Manoel Cyrino Alves	1
Manoel José Barboza	1
Manoel Rodrigues de S. Camargo	1
Manoel Pinto Teixeira	1
Manoel Felix	1
Miguel Pires	1
Maria de Almeida Barros	1
Maria Candida de Campos	1
Maria Candida de Barros	1
Maria Celestina do Patrocinio	1
Maria Custodia Malvina	1
Maria de Camargo O. Cintra	1
Maria Thereza de Barros	2
Maria Rita de Almeida Prado	2
Maria Thereza de Oliveira Campos	1
Maria do Patrocinio Flor	1
Maria Leopoldina de Barros	1
Maria Justina Roque	1
Maria Gartner	1
Pedro Gomes de Camargo	1
Tuca Nora	1
Thomazia Maria de Almeida	1
Theodolindo Augusto Ferraz Lima	1
Victor de Arruda Castanho	2
Vicente Ferraz do Amaral Campos	2
Vicente Pimenta de A. Prado	1
Dr. Victor Mujer	2
Zalmira Maria da Conceição	1
Zeferino José de Medeiros	1
Correspondencia Nacional não Franqueada.	
Antonio Pacheco Jordão	1
Antonio Joaquim Bueno	1
Agostinho Rodrigues de Camargo	1
Bastide (Engenheiro)	1
Benjamin Dias do Amaral	1
Carlos Bazilio de Vasconcellos	1
Custodia Maria Francisca	1
Francisco José de Araujo	1
Francisco Antonio de Souza	1
Francisco Celestino de M. Russo	1
Florentino Monteiro (devolvida)	1
Galdino Vaz de Arruda Amaral	1
Ignacio de Campos Pacheco	1
José Antonio Pinto	1
José Marques Ramos	1
Jozephina Correa de Almeida Souza	1
Joaquim Antonio das Dores	1
Joaquim José de Mello	1
João Antonio de Barros	1
João Ignacio dos Santos	1
Marcos Antonio Teixeira	1
Manoel Bernardino de A. Lima	1
Olimpia de Almeida Prado	1
Pedro Ferraz de Arruda	1
Ricardo Menezes	1
Stanislau Rivaud	1
Salvador Correa de Moraes Silva	1

(Continua)

Ytu, Tip, da—Imprensa—1877.